

Crónica 223. Coisas que não entendo 21.11.2018

Caiu um bocado de estrada condenada há, pelo menos, quatro anos e cujas mortes estavam já anunciadas, faltava a identidade e a data, e ninguém é culpado e o Estado (esse ser omnipresente e invisível) vem decretar que vai haver fiscalização às pedreiras... pelos vistos não havia... sempre disse que este país tinha leis a mais e ninguém para as vigiar.

Como na Ponte de Entre-os-Rios há umas décadas, e noutros acidentes semelhantes a culpa morrerá solteira, pois em Portugal a culpa morre virgem, que é uma senhora de muito respeito e se algo acontece a culpa nunca é de ninguém, azares divinos, ou acidentes da natureza, ou um anormal conjunto de circunstâncias desfavoráveis. Vão dizer isso aos mortos e às famílias...

CITO DE Henrique Pereira dos Santos (https://corta-fitas.blogs.sapo.pt/das-pedreiras-6729365?utm_source=posts&utm_content=1542822084&fbclid=IwAR0xjur45OlfZYuYiliKspGRuMYAcxbw85oBwKs4ap9bQJ4Zojc22qsLF0o) "...há responsáveis concretos sobre situações concretas, mas a altíssima probabilidade de haver, mais tarde ou mais cedo, catástrofes destas (como nos fogos, como nas cheias, como nos sismos, como na manutenção de infraestruturas) tem a sua raiz na forma como nos organizamos como sociedade, na forma como somos pouco exigentes com o Estado, na forma como preferimos fazer leis maximalistas em vez de investir seriamente em fiscalização inflexível sim, mas sensata, próxima dos destinatários e respeitadora das pessoas, na forma como recusamos o compromisso das situações intermédias e nos entrincheirámos em posições irredutíveis, etc., etc., etc..

Nunca entendi como os engenheiros a partir do fim do século XIX, que desbravaram montes e vales e ergueram estradas, algumas das quais ainda hoje em uso, criavam o relevé apropriado (a inclinação lateral das curvas ser inversa) para as viaturas, e hoje os engenheiros com AutoCad e sei lá que mais de técnicas computadorizadas criaram vários relevés ao contrário. Um dos melhores exemplos ocorre naquilo a que chamaram a melhoria da estrada regional Ribeira Grande até aos Barreiros (a seguir à Gorreana) ...será que não estudaram as leis da física, força G, etc.? Há estradas sinuosas que parecem perigosas e difíceis de debelar e, por vezes, passados alguns quilómetros, concluímos que apresentam níveis de segurança muito aceitáveis. Contraditoriamente, por vezes, grandes IP's e Autoestradas aparentam ser tapetes largos e presumivelmente fáceis de percorrer, inspirando uma confiança "pouco merecida" nos condutores. Basta a inclinação lateral das curvas ser inversa (como se diz na gíria - ter o relevé ao contrário), serem desmesuradamente prolongadas, ou criarem grande aceleração lateral nos veículos - e o perigo pode espreitar. Conheço pessoas muito bem-intencionadas e disciplinadas na sua condução, que já foram surpreendidas por "armadilhas" deste tipo.

a UNESCO descobriu algo que ando a escrever há anos...filosofia é fundamental para sociedades livres e plurais, deve ser por isso que o facilismo é rampante nas nossas escolas onde se passam todos, saibam ou não ler e escrever e assim vão rumo ao precipício como lémingues naquele filme do Disney em 1958.

Só que o filme é um mito. uma investigação feita em 1983 revelava que a cena era uma fraude e que não passava de uma montagem: **não foi suicídio em massa, os animais foram lançados**

deliberadamente ao mar. De acordo com o [El País](#), a pesquisa, levada a cabo por um produtor da Canadian Broadcasting Corporation, Brian Vallee, concluiu que era **impossível os roedores terem caído ao mar** por duas razões: primeiro, porque a cena foi filmada no rio Bow, no Canadá, uma área que não é o habitat natural dos lemingues, ou seja, tudo levar a crer que os produtores do documentário capturaram os animais e levaram-nos até lá; segundo, a pesquisa revela que as filmagens foram conseguidas com a ajuda de uma plataforma giratória, com o objetivo de simular a queda dos lemingues do penhasco. Algumas tribos das regiões árticas acreditavam que os lemingues viviam para além das estrelas e que só de vez em quando vinham até à Terra. Já no livro *The Children's Encyclopedia – A Enciclopédia Infantil* - , de Arthur Mee, publicada em 1908, o autor refere que os animais roedores provocavam febre tifoide e causavam a destruição no mar. Os lemingues são pequenos roedores originários da Escandinávia e da Rússia e alimentam-se à base de musgo e plantas. Quando essa alimentação é abundante, as fêmeas procriam várias vezes por ano, o que faz com que a população se torne demasiado numerosa para a dimensão do seu habitat natural. Nesses casos, dá-se uma migração em massa em busca de comida e muitos dos roedores chegam até a morrer. Mas não se suicidam, ao contrário dos jovens que saem das escolas com um diploma, mas sem qualificações nem conhecimentos.

Dizia hoje uma alta responsável pelo Ministério da (Des)Educação que um “chumbo” custava seis mil euros ao país e ensinar o aluno apenas 87€ pelo que deviam ser evitados todos os chumbos. Em tempos idos, há vários anos, fiz uma proposta “Simplex” fabulosa, quando a criança nasce além do oficial do Registo Civil a recolher dados para o Cartão de Cidadão devia estar lá um funcionário do Ministério da Educação a dar o diploma do 12º ano e representantes das universidades a tentarem angariar o recém-nascido para as suas instituições.

Mas não há crise, qualquer dia não há professores... **45% dos professores em exercício têm 50 ou mais anos. Há 17 anos esta proporção estava nos 18,3%.** Quase metade dos educadores de infância que estão no ativo têm 50 anos de idade ou mais, o que faz deles o segundo grupo mais envelhecido da classe docente. Em todos os ciclos de escolaridade o peso daquele grupo etário teve um crescimento significativo: no 1.º ciclo passou de 20,8% para 35,6%; no 2.º ciclo de 24,5% para 49,6% (é este o grupo mais velho); e no 3.º ciclo e secundário, que é mais numeroso, subiu de 15% para 45,2%. No conjunto dos docentes do ensino não-superior a proporção dos que têm 50 ou mais anos de idade passou de 18,3% para 45%, enquanto em sentido inverso o peso dos professores com menos de 30 anos desceu de 17% para 1,65%. No 3.º ciclo e secundário só 0,8% estão neste grupo.